

**SÊNECA,
REMENTE E DESTINATÁRIO DAS CARTAS A LUCÍLIO**

Rodrigo Jorge (UFF / FCRB)
rodrigorjrn@gmail.com

Última e uma das mais importantes obras de Sêneca, o filósofo, as *Cartas a Lucílio* revelam bem mais do que a maturidade moral e intelectual do pensador cordovês. Em suas páginas, acompanhamos também sua destreza com os recursos compositivos da linguagem na construção de um pensamento indissociável da vida comum, produto do diálogo e da reflexão que o campo epistolográfico enseja. Para dar continuidade às considerações sobre o objeto desta apresentação, permitam-me acrescentar à minha exposição um elemento curioso, para não dizer cômico, que, em vez de comprometer a explicação sobre o tema abordado, acaba oferecendo acidentalmente outro instrumento de reflexão. No site do evento, o resumo desta comunicação foi publicado com erro em uma das palavras. No trecho “por meio de ‘lições escritas’, Sêneca exercita-se a si próprio”, o verbo “exercita-se” ficou “excita-se”. Não pude deixar de achar graça do capricho manifestado neste acidente. A redundância “a si próprio” foi intencional, com o fim de destacar a reversibilidade funcional do missivista, que, ora é remetente, ora, destinatário de si mesmo. O verbo excitar, sinônimo de estimular, atizar, etimologicamente quer dizer “chamar para fora, fazer sair, despertar”. Ora, a carta exige do missivista um “fazer sair” diferente de outras escritas de si, como o diário íntimo e os *hypomnemata*, espécie de fichário de anotações, do qual Sêneca, inclusive, se valeu. A escrita de uma carta é a elaboração da leitura que se espera do outro a respeito de quem escreve; e quando este outro, além de terceiro, é também o próprio autor da carta, o “excitar-se”, o “fazer sair”, é convertido em “exercitar-se”, prática regular, ação concreta, que possui necessariamente um fim, no caso de Sêneca, o aprimoramento do espírito. Por isso, leitura e escrita do outro e de si mesmo são condições simultâneas no gênero epistolográfico. Sobre estas duas ações, afirma Sêneca, na carta 84:

Não devemos limitar-nos nem só à escrita, nem só à leitura: uma diminui-nos as forças, esgota-nos (estou-me referindo ao trabalho da escrita), a outra nos amolece e embota-nos a energia. Devemos alternar ambas as atividades, equilibrá-las, para que a pena venha a dar forma às ideias coligidas das leituras. Como soe dizer-se, devemos imitar as abelhas que deambulam pelas flores, escolhendo as mais apropriadas ao fabrico do mel, e depois trabalham o material recolhido, distribuem-no pelos favos e, nas palavras do nosso Vergí-

lio, “o líquido mel acumulam, e fazem inchar os alvéolos de doce néctar”. (2009, p. 380)

Lançando mão de um recurso figurativo da linguagem, Sêneca admite ao seu destinatário, Lucílio, a importância da confluência das duas ações, escrita e leitura, na compleição das ideias. Não satisfeito com a metáfora, o missivista insere outro elemento para rematar de forma ainda mais consistente a sustentação construída, que é a citação do poeta Virgílio como figura de autoridade. Mas não apenas com esta função, Sêneca aproveita para expor também suas leituras, ou mesmo para retomá-las. Por isso, a escrita de uma carta, para Sêneca, envolve não apenas a ação de ler, mas também de reler, o que implica num processo de escolhas que aperfeiçoam os correspondentes.

Portanto, a epistolografia exerce para os correspondentes uma função pedagógica, extraindo tanto das leituras pessoais quanto da matéria bruta do cotidiano os elementos necessários para conceber uma doutrinação própria, em que se pesem, claro, questões universais. Na carta 7, por exemplo, Sêneca começa com uma pergunta retórica, recurso comum nas demais: “Queres saber a coisa que com maior empenho deves evitar? A multidão! Ainda não estás em estado de frequentá-la em segurança.” (*ibidem*, p.14). O tom dado aqui é do mestre diante do aluno, que orienta e avalia as condições deste para determinado evento. Lucílio não recebe um pedido, mas uma lição ordenada que se confirma no estabelecimento de estar ou não estar apto àquela situação. A carta inicia-se de forma unidirecional, deixando evidentes os papéis exercidos pelos dois, “um homem de idade e já retirado” e “outro que ainda exerce importantes funções públicas” (FOUCAULT, 2006, p. 146). Pouco a pouco, o remetente desenvolve sua reflexão em torno do ponto lançado no início da carta até chegar na lição que efetivamente quer passar ao discípulo:

Refugia-te em ti próprio quanto puderes; dá-te com aqueles que te possam tornar melhor, convive com aqueles que tu possas tornar melhores. Há que usar de reciprocidade: enquanto se ensina aprende-se também. Por vão desejo de tornares conhecido o teu talento não deves misturar-te com o público a ponto de desejares fazer leituras ou participar em debates. Aconselhar-te-ia a fazê-lo se tivesses mercadoria adequada a esta gente; mas entre ela não há quem pudesse entender-te. É possível que casualmente apareça um ou outro cuja formação e educação te devas encarregar até o elevares ao teu nível. “Mas então, em proveito de quem estudei eu?” Não tenhas receio: se tiveres estudado em teu proveito não terás perdido tempo. (SÊNeca, 2009, p. 17)

Apesar de estar voltada para o destinatário, por meio de exortações e conselhos, Sêneca apresenta, ao mesmo tempo, a ética de sua formação. Fala a partir de sua experiência; ele mesmo, desta vez, é a figura

de autoridade. A carta torna-se superfície espelhada, permite, assim, ao remetente, que possa enxergar a si mesmo a partir de pontos impossíveis de serem percebidos sem o “sair para fora”. A “reciprocidade” citada na carta a Lucílio refere-se também à própria missão do pensador cordovês, reiterada nas lições ao discípulo. Escrever uma carta é também uma forma de manter-se atualizado e bem condicionado, por meio da revisão dos juízos e comportamentos ao longo da vida. Transmitir é retransmitir ao emissor, tanto no momento em que este envia quanto naquele em que o receptor recolhe. Mas aquilo que é enviado, quando retorna, em cada um destes dois momentos, ressurgue com uma nova aparência, em vez de coisa, *espécie de coisa*, pois atua como imagem produzida pelo sujeito, um “ser especial”, na concepção de Giorgio Agamben.

A imagem é um ser cuja essência consiste em ser uma espécie, uma visibilidade ou uma aparência. Especial é o ser cuja essência coincide com seu dar-se a ver, com sua espécie. [...] A espécie de cada coisa é sua visibilidade, a sua pura inteligibilidade. Especial é o ser que coincide com o fato de se tornar visível, com a própria revelação. [...] Na imagem, ser e desejar, existência e esforço coincidem perfeitamente. Amar outro ser significa: desejar a sua espécie, ou seja, o desejo com que ele deseja perseverar no seu ser. (2007, p. 52-53)

Na carta, o ser então se revela, não em sua dimensão ontológica, mas em sua espécie, naquilo que se vê e lê, reconfigurando sua consituição num *ad aeternum* vir a ser. A coincidência entre “existência e esforço”, apontada por Agamben no ser especial, assume nas *Cartas a Lucílio* importância capital. Para Sêneca, são estas duas condições indissociáveis para o aprimoramento individual. Portanto, a carta também é espaço para treinamento de si próprio contra situações inevitáveis da existência, como a perda de um ente querido. Na carta 99, por exemplo, Sêneca envia a Lucílio cópia de longa correspondência enviada a Marulo, que acabara de perder um filho:

Dirijo-te esta carta não porque tu esperes de mim um consolo já tão tardio (sei muito bem que tu já decidiste o que havias de ler ou não), mas sim para te censurar por, embora por pouco tempo, teres andado alheado de ti mesmo; e também para te aconselhar a que, de futuro, ganhes mais coragem contra a fortuna e consideres os seus golpes não apenas como possíveis, mas como inevitáveis e contínuos. (2009, p. 548)

É preciso estar preparado para as adversidades inerentes à existência, para isso, o estoicismo, do qual Sêneca foi um dos grandes expoentes em sua fase tardia, é fundamental. O filósofo não se exime de censurar seus aconselhados, principalmente quando estes assumem posturas pusilânimes e se desviam da vida em seus aspectos mais concretos. Vi-

ver, para Sêneca, não deve ser é fuga, mas enfrentamento, exercício e participação. Participar não apenas em seu cargo ou função, mas também compartilhar, restituir, atuar em condições de igualdade naquilo que a vida nivela todos os seres humanos. As cartas de Sêneca a Lucílio, por vezes, tomam direções distintas da usual, o destinatário serve também como “conselheiro” do remetente. Segundo Foucault:

[...] à medida que progride, aquele que é orientado vai-se tomando cada vez mais capaz de, por seu turno, dar conselhos, exortar e consolar aquele que tomou a iniciativa de auxiliá-lo: o sentido único da direção não se mantém por muito tempo, ela serve de quadro a trocas que a levam a tornar-se mais igualitária. (2006, p.148)

O giro das funções epistolográficas amplia o espaço enunciativo e permite ao sujeito da enunciação apropriar-se do discurso do outro. Na carta 34, Sêneca exige a contrapartida de Lucílio, que passa a assumir, a partir do giro estabelecido pelo discurso do remetente, uma posição de responsabilidade sobre os ensinamentos dados pelo mestre, de quem é também sua criatura: “Tu estás ligado a mim, és obra minha. Quando eu vi a natureza do teu carácter, deitei-te a mão, aconselhei-te, estimulei-te, e não te deixei avançar com lentidão, fiz-te de imediato ir para frente.” (2009, p. 126). Na carta seguinte, o missivista então, depois de relacionar anteriormente a participação instrutiva na formação do discípulo, é mais direto no pedido de restituição, ao mesmo tempo em que evidencia a engrenagem do giro entre funções:

Ao incitar-te insistentemente ao estudo da filosofia estou trabalhando em meu proveito: é que eu pretendo ter um amigo, e não poderei consegui-lo se tu não continuares a cultivar-te como tens feito. Neste momento, tens estima por mim, mas ainda não és meu amigo. “Que dizes? Então uma coisa não implica a outra?” Não, são mesmo coisas muito diferentes, porque, se a amizade é sempre proveitosa, o amor pode ser nocivo. Se outra razão não houver, continua a progredir pelo menos para aprenderes a amar. Apressa-te, pois, enquanto podes ser-me proveitoso, não vá a tua aprendizagem redundar em benefício de outro qualquer! [...] Aqueles a quem amamos, mesmo quando ausentes são uma fonte de alegria para nós, se bem que ligeira e evanescente. A vista, a presença, a conversa de viva voz têm algo de prazer, sobretudo se não vemos apenas quem queremos, mas ainda como o queremos. (*ibidem*, p.126-127)

Ver não apenas o outro, mas algo de si impresso no outro, como o si ser especial de Agamben que, em sua existência e esforço, buscam o si além de si, que se perpetua no outro, e nos demais outros que porventura surjam, certamente surgirão. Escrever uma carta é levar um pouco de si mesmo para além dos limites que a própria existência nos impõe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. O ser especial. In: _____. *Profanações*. Trad.: Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 51-54.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad.: Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2006.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Trad.: J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.